

FICHA TÉCNICA

Título original: *La Última Salida*

Autor: *Federico Axat*

Copyright © Federico Axat, 2016

Edição portuguesa publicada por acordo com Pontas Literary & Film Agency

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria Fraústo*

Revisão: *José João Leiria/Editorial Presença*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Clayton Bastiani/Trevillion Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2018

Depósito legal n.º 435 631/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRIMEIRA PARTE

Ted McKay estava prestes a dar um tiro na têmpora quando a campainha de sua casa começou a tocar insistentemente.

Esperou. Não podia premir o gatilho com uma pessoa lá fora.
Vai-te embora, sejas lá quem fores.

Novamente a campainha, depois uma voz vociferou.

— Abra a porta, eu sei que está a ouvir-me!

A voz chegou ao escritório com uma nitidez espantosa, tanta que durante um brevíssimo instante Ted duvidou que tivesse sido real.

Olhou em volta, como se procurasse na solenidade do escritório uma prova da veracidade daquele grito. Ali estavam os seus livros de finanças, a reprodução de Monet, a secretária... e finalmente a carta na qual explicava tudo a Holly.

— Abra, por favor!

Ted continuava com a *Browning* a poucos centímetros da cabeça; começava a pesar-lhe. O seu plano não funcionaria se aquele tipo ouvisse o disparo e chamasse a polícia. Holly e as filhas estavam na Disney World e ele não permitiria que recebessem a notícia tão longe de casa. Não, senhor.

À campainha seguiram-se uma série de murros.

— Vá lá! Não me vou embora enquanto não abrir!

A pistola começou a tremer. Ted apoiou-a na coxa direita. Passou os dedos da mão esquerda pelo cabelo e voltou a amaldiçoar o estranho. Seria um vendedor? Naquele bairro burguês não eram bem vistos, e muito menos quando apareciam de forma tão desrespeitosa.

Por uns segundos, não houve mais gritos nem murros, e Ted começou a levar novamente a pistola à têmpera, muito lentamente.

Começava a pensar que talvez o homem se tivesse cansado e ido embora, quando uma rajada de murros e gritos lhe confirmou o contrário. Mas Ted não abriria, de maneira nenhuma... esperaria. O impertinente teria de acabar por desistir, não era?

Então, alguma coisa sobre a secretária lhe chamou a atenção: um papel dobrado ao meio, semelhante ao que tinha deixado no centro da mesa para Holly, só que neste não estava escrito o nome da sua mulher. Teria sido tão estúpido que pudesse ter-se esquecido de deitar fora um dos rascunhos? Enquanto os gritos continuavam à porta, consolou-o pensar que pelo menos algo de bom se podia retirar daquela inesperada interrupção. Desdobrou o papel e leu a nota.

O que viu deixou-o gelado. Era a sua letra. E no entanto não se lembrava de ter escrito nenhuma daquelas duas frases.

*ABRE A PORTA
É A TUA ÚLTIMA SAÍDA*

Tê-las-ia escrito num contexto que não recordava? Uma brincadeira com a Cindy ou com a Nadine, talvez? Não conseguia encontrar nenhuma explicação para aquele bilhete... não naquela situação disparatada, com um lunático quase a deitar-lhe a porta abaixo. Mas devia haver uma explicação, claro que sim.

Engana-te a ti próprio.

A *Browning* pesava uma tonelada na sua mão direita.

— Abra de uma vez por todas, Ted!

Deu um salto, sinal de alerta. Tinham-no chamado pelo nome? Ted não tinha nenhuma relação de proximidade com os vizinhos, mas pelo menos achava que lhes conhecia as vozes, e a voz deste homem não era parecida com nenhuma delas. Pôs-se em pé e deixou a pistola na secretária. Sabia que não tinha outro remédio que não fosse ir ver quem seria. Pensou um pouco; também não era o fim do mundo. Quem quer que fosse aquele tipo impertinente, iria despachá-lo rapidamente e voltaria para o escritório para acabar com a vida de uma vez por todas; estava há várias semanas a planear aquilo e não ia voltar atrás no último momento

por causa de um vendedor mal-educado.

Na secretária havia um copo com esferográficas, cliques, borrachas usadas e todo o tipo de objetos inúteis. Ted virou-o ao contrário com um movimento rápido e viu a chave que tinha guardado no copo dois minutos antes. Pegou-lhe com os dedos e observou-a com a incredulidade típica de quem encontra uma coisa que julgava que nunca mais veria na vida. Pensara que naquele momento estaria recostado na cadeira reclinável, com restos de pólvora na mão e a flutuar em direção à luz.

Quando alguém decide acabar com a vida — não interessa se tem ou não dúvidas —, os minutos finais põem à prova a vontade da pessoa; Ted tinha acabado de aprender essa lição e detestava ter de passar por aquilo outra vez.

Foi até à porta do escritório verdadeiramente contrariado; pôs a chave na fechadura e abriu a porta. Sentiu outra pontada de raiva quando viu o bilhete colado do lado de fora, um pouco acima da sua cara. Era um recado para Holly. «Querida, deixei um duplicado da chave em cima do frigorífico. Não entres com as crianças. Amo-te.» Parecia uma crueldade, mas Ted tinha pensado cuidadosamente em tudo. Não queria que fosse uma das filhas a encontrá-lo estendido atrás da secretária com um buraco na cabeça. Por outro lado, morrer no escritório fazia todo o sentido. Tinha ponderado seriamente a possibilidade de se atirar ao rio, ou de viajar para longe e deixar-se atropelar por um comboio, mas sabia que para elas a incerteza seria pior. Sobretudo para Holly. Ela teria de o ver com os seus próprios olhos, teria de ter a certeza. Precisa-ria do... *impacto*. Era nova e bonita e poderia refazer a sua vida. Seguiria em frente.

Ouviu uma série de murros na porta.

— Já vou! — gritou Ted.

Os murros pararam.

Abre a porta. É a tua última saída.

Conseguia ver a silhueta do visitante por trás da pequena janela ao lado da porta. Atravessou a sala em passo lento, quase provocador. Observou tudo à sua volta, com o mesmo olhar que momentos antes lançara à chave no escritório. Viu a enorme televisão, a mesa

para quinze comensais, os jarrões de porcelana. À sua maneira, tinha-se despedido de todos aqueles objetos fúteis. E no entanto, ali estava outra vez o velho e querido Teddy a deambular na sua própria sala como um fantasma.

Deteve-se. Seria esta a versão de si mesmo ao fundo do túnel?

Por momentos sentiu uma necessidade absurda de voltar ao escritório e confirmar se, sentado à secretária, veria o seu próprio corpo prostrado. Estendeu o braço e passou os dedos sobre as costas do sofá. Sentiu o contacto frio da pele; era demasiado real para ser fruto da sua imaginação, pensou. Mas como ter a certeza?

Abriu a porta, e ao ver o jovem junto à porta percebeu por que motivo este sobrevivera como vendedor apesar dos seus maus modos. Devia ter uns vinte e cinco anos, e trazia umas calças impecavelmente brancas com um cinto de pele de cobra e uma camisola com riscas horizontais coloridas. Parecia mais um jogador de golfe do que um vendedor, embora na mão direita tivesse uma pasta gasta de pele que destoava do conjunto. Cabelos louros até aos ombros, olhos azuis e um sorriso obsceno que não ficava a dever nada ao próprio Joe Black. Ted imaginou Holly, ou qualquer outra mulher da vizinhança, a comprar àquele homem qualquer porcaria que ele se propusesse vender-lhe.

— Seja o que for, não estou interessado — disse Ted.

O sorriso aumentou.

— Oh! Não vim aqui vender-lhe nada. — Disse isto como se fosse a coisa mais ridícula do mundo.

Ted olhou por cima do ombro do estranho. Não havia nenhum carro estacionado junto ao passeio, nem ao fundo da Sullivan Boulevard. Não estava muito calor naquela tarde, mas percorrer uma distância tão grande ao sol deveria ter deixado alguma sequela naquela jovem beleza insolente. Além disso, para quê estacionar tão longe?

— Não se assuste — disse o jovem, como se conseguisse ler-lhe o pensamento. — O meu sócio deixou-me aqui à porta, para não levantar suspeitas na vizinhança.

A referência a um *cúmplice* não impressionou Ted. Morrer num assalto seria até mais decoroso do que dar um tiro na cabeça.

— Estou ocupado. Preciso que se vá embora.

Ted começou a fechar a porta, mas o homem estendeu o braço e impediu-o. Não foi exatamente uma atitude hostil, havia nos seus olhos um brilho suplicante.

— Chamo-me Justin Lynch, senhor McKay. Se me...

— Como é que sabe o meu nome?

— Se me deixar entrar e conversar consigo durante dez minutos, eu explico.

Houve um momento de impasse. Ted não permitiria que aquele homem entrasse em sua casa, isso era claro. Mas tinha de admitir que a sua presença lhe despertava uma certa curiosidade. Por fim, a razão venceu.

— Desculpe. Não veio no melhor momento.

— Engana-se, é o mo...

Ted fechou a porta. As últimas palavras de Lynch chegaram-lhe já abafadas mas perfeitamente audíveis: «É o momento perfeito.» Ted continuava diante da porta, a ouvir, como se já soubesse que haveria mais qualquer coisa.

E foi exatamente o que aconteceu. Lynch falou mais alto para se fazer ouvir.

— Sei o que está quase a fazer com a nove milímetros que deixou no escritório. Prometo-lhe uma coisa: não tentarei dissuadi-lo.

Ted abriu a porta.